

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 13 — VOL. III.

Sabbado 16 de Abril de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summary.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O lago Maior e as ilhas Borromeas — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — Madame Pfeiffer — Lendas nacionaes — A cidade de Vienna d'Austria — Memorias do coração, continuação — Uma vista da cidade de Florença e do Arno — Os theatros, em Roma — Uma revolução na India portugueza, continuação — Alva Estrella, continuação — A excellentissima viscondessa d'Alges — Vens pallida. GRAVURAS: — Memorias do coração, envenenamento — Estatua de S. Carlos Borromeo — Madame Pfeiffer — Isola Bella — Vienna de Austria — Uma vista de Florença e do rio Arno.

## Historia da actualidade.

Teve lugar em Vienna no dia 8 uma grande revista de tropas austriacas. Falla-se em que se vão formar regimentos de granadeiros, e que se trata de augmentar o exercito de Italia com cincoenta mil homens.

O rei de Napoles tem peiorado no seu estado de saúde.

No *Monitor* francez lê-se um artigo no qual se diz que a França não aspira a fazer conquistas, e que respeitará a Alemanha, bem como o principio nacional defendido pela Italia.

Noticiam de Nova York que ali se prepara nova expedição contra a ilha de Cuba.

Na quinta feira da corrente semana chegaram a esta cidade dois principes, sobrinhos de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando, e estão alojados no real palacio das Necessidades.

Noticias de Cochim participam o fallecimento do bispo eleito d'aquella provincia.

O nosso distincto actor Taborda vae fazer uma excursão pela provincia do Alemtejo.

N'um dos proximos dias da paschoa haverá um concerto-baile n'uma das salas das nossas assembleas, no qual tomarão parte illustres damas da nossa alta sociedade.

Falla-se na proxima dissolução do parlamento inglez.

Suicidou-se o recebedor do concelho de Cintra.

O senhor Mendes Leal Junior acaba de publicar, na *Revista Contemporanea*, uma linda poesia intitulada o *Pavilhão Negro*.

Ha pouco tempo na cidade do Porto deu algumas funcções um novo aeronauta. Saindo da cidade para Guimarães fez ali uma ascensão com tanta infelicidade, que, saindo sobre o convento das freiras, partiu uma perna, e rompeu uma veia.

— Durante a residencia do conde de Cavour em Paris, foi este illustre personagem sardo visitado por sete mil e tantas pessoas!

— As noticias vindas da Austria são contrarias á paz.

— Diz-se que a França e a Russia se oppõem ao desarmamento da Sardenha sollicitado pela Austria.

— Na Bohemia e na Moravia vae reunir tambem a Austria uma reserva de setenta mil homens.

— Chegou a Palermo a esquadra russa que conduz o grã-duque Constantino.

— Vae brevemente partir para o Porto a companhia de opera-comica italiana, que actualmente representa em o nosso theatro de D. Fernando.

— Foi baptisado em Madrid um moiro, por nome Almanzor, sendo madrinha do neophito a rainha D. Isabel II.

## O lago Maior e as ilhas Borromeas.

O viajante, que ao deixar a Suissa entra na Italia pela estrada do Simplão, fica absorto, sem vida, pela mudança das scenas da natureza, que em breve espaço se offerecem aos seus olhos, mudança tão completa, tão diametralmente opposta, e tão rapida como as que se fazem no theatro. Ao triste aspecto do cantão de Valais; ás serranias agrestes e penhascosas, atravez das quaes passa a estrada do Simplão; aos precipicios horrosos, que a cercam; ás medonhas quebradas todas cheias de rochedos descommunaes, por onde se despenham com terrivel impeto e pavoroso fragor rios caudalosos; a todas estas scenas, que fazem estremeecer e apertar-se involuntariamente o coração do viajante, succedem-se as mais amenas e formosas paizagens da Lombardia.

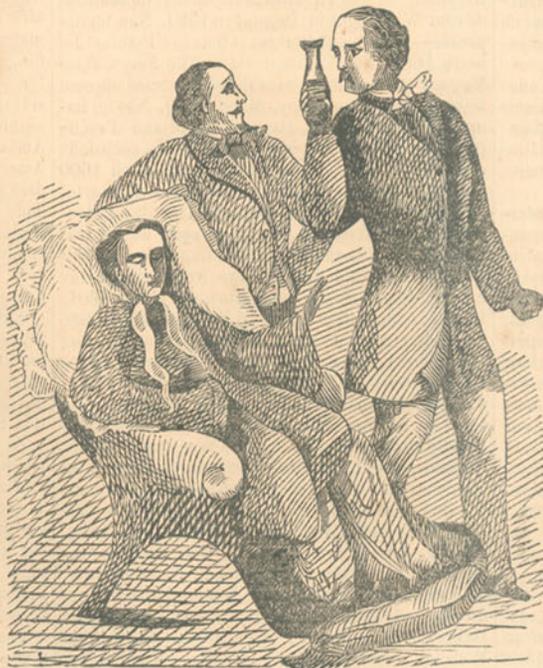
Parece que o proposito de formar um grandioso contraste collocou tão proximo o que a Suissa tem de mais aspero, bravio, e horrivel, e o que a Lombardia possui de mais lindo e aprazivel.

Os extensos prados d'esta parte da Lombardia, sempre tão viçosos, e com tanto esmero cultivados; as collinas que os bordam, semeadas de arvoredos, e coroadas ordinariamente por bellas casas de campo, é já bastante para constituir um painel encantador. Pois todas estas bellezas são ainda animadas e realçadas por um vasto e formosissimo lago, descripto em phrases pomposas e entusiasticas por muitos insignes romancistas, e cantado em sublimes versos por moi elegantes poetas. Este lago, de cujo seio se elevam as famosas ilhas Borromeas, é chamado o lago Maior, que tem de extensão umas quatorze leguas, de norte e sul.

As margens do lago são extremamente risonhas e pittorescas. A vegetação apresenta-se por toda a parte cheia de viço e vigor. As povoações e quintas, que veem mirar-se no immenso espelho de suas limpidas aguas, parecem querer competir umas com as outras em acção e bom gosto.

As ilhas Borromeas são quatro. Duas apenas as demandam alguns pescadores, que n'ellas habitam. As outras duas são como que estações obrigadas dos viajantes, que visitam pela primeira vez o lago Maior. Chamam-se estas, *Isola-Bella* e *Isola-Madre*.

O conde Vitaliano Borromeo, da familia de S. Carlos Borromeo, e que floreceu cem an-



Memorias do coração — Envenenamento.

nos depois d'este, tornou celebre a primeira d'estas ilhas, edificando n'ella um sumptuoso palacio, e uma quinta, de singular fabrica e grandeza. A quinta, povoada de frondosos bosques de mui variadas especies de arvores, abrange toda a ilha. N'uma das extremidades ergue-se o palacio como que saindo do meio das aguas. Na extremidade opposta elevam-se dez terrados, uns sobre outros, em forma de throno, plantados de jardins, e ornados com uma infinidade de estatuas e vasos de pedra. No vertice d'esta alta pyramide de jardins avulta a estatua equestre do fundador.

Na *Isola-Madre* admira-se tambem uma grande e deliciosa quinta, mas sem ostentar construcções singulares.

Nas margens do lago Maior ergue-se um monumento, que attrahe a attenção e curiosidade de todos os viajantes, que frequentam aquellas paragens. E' a estatua colossal de S. Carlos Borromeo, bispo de Milão.

Cento e trinta annos depois da morte d'este santo prelado o povo de Milão resolveu dar um testemunho solemne da sua gratidão e respeito para com a memoria do caridoso bispo, consagrando-lhe um padrao na terra do seu nascimento.

Para este fim fez levantar junto á borda do lago uma estatua do santo, de bronze, de sessenta e seis pés d'altura, além do pedestal de granito, que conta uns trinta pés de elevação.

Por uma porta praticada na parte inferior das vestes do santo prelado, podem entrar os curiosos no interior da estatua. Uma escada tambem de bronze os conduzirá até á cabeça da estatua, onde tres ou quatro pessoas de estatura regular se accommodarão á vontade.

As proporções e posição da estatua, e a expressão do seu rosto, tem sido julgadas de diferente maneira pelos entendedores. Porém no que concorda a maior parte é em que, apesar da doçura, que exprime a physionomia, e de certa belleza de formas, o todo da estatua é pesado e sem magestade.

Collocada como dissemos junto do lago, e sobre uma pouco alta collina, chamada *Arone*, deixa-se ver de muitas milhas de distancia em redor.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

THOMAS CAMPION.

Pretende Camden attribuir a este poeta mais merito do que elle na verdade tem, pondo-o a par de Spenser, Daniel, Ben Jonson, Drayton e Shakespeare.

Campion nasceu pelo anno de 1540, e foi educado em Cambridge. Na idade de quarenta e seis annos pretendeu formar-se em direito, mas abandonou este projecto para estudar medicina. Distinguiu-se como poeta e musico; e morreu em Janeiro de 1623.

Compoz: A new way of making four counterpoints (Nova maneira de fazer quatro contrapontos) — *Surrays bewailing the untimely death of prince Henry set forth to be sung to the lute or viol* by John Caporain (Os Surrays lamentando a morte intempestiva do principe Henrique, poesia adaptada para se cantar ao alaude ou viola, por João Cooper) — *Description of a maske presented before the king at Whitehall in honour of the marriage of lord Kayes with the daughter of lord Denny* (Descripção d'uma mascarada apresentada ao rei em Whitehall em honra do casamento de lord Kayes com a filha de lord Denny) — *Thomae Campioni Epigrammatum, libri ii* — *Umbre elegiarum, liber unus, etc.*: além d'estas obras contribuiu com quatro poemas para a *Poetical Rhapsody* de Davidson.

HENRY CHETLE.

Não achámos, nos livros a que recorremos, esclarecimentos sufficientes para podermos fixar ao certo o anno do nascimento de Chettle; o de 1560 tem por si o maior numero de probabilidades. Em quanto moço exerceu a arte typographica, sendo

em 1591, de sociedade com William Hoskins e John Danter, proprietario de uma typographia. Estreiou-se em 1598 com as suas primeiras comedias, tendo escripto até 1603 quarenta, das quaes só duas são conhecidas.

Além das obras dramaticas que abaixo mencionamos, escreveu mais as seguintes:

*Piers Plainnes seven Years' Prenteship* (Piers Plainnes, aprendizagem por sete annos) publicada em 1595. — *England's mourning Garment* (O vestido de lucto d'Inglaterra) noticias sobre os poetas contemporaneos publicadas em 1603, reimpressas na *Miscellanea Harleian*—*Kind Hart's Dreame*, containing five apparitions with their Invetives against abuses (O sonho de Kind Hart contendo cinco appareições com as suas invectivas contra os abusos) publicada em 1592, e reimpressa por Percy Society.

#### Obras dramaticas.

*The Downfall and Death of Robert Earl of Huntington* (A ruina e morte de Roberto, *Earl* de Huntington), de sociedade com A. Munday 1597-1598. — *The Valiant Welchman* (O valente Gallo) de sociedade com Drayton. Fevereiro 1598 — *Earl of Goodwin and his three sons* (O *earl* de Goodwin e seus tres filhos) de sociedade com Drayton, Dekker e R. Wilson. Março 1598. Não foi impressa — *Piers of Exton* (Piers de Exton) associado com o mesmo. Não foi impressa. Março 1598 — *Black Batman of the north* (O preto Batman do Norte) Parte I. Não foi impressa — *Black Batman of the north* (O preto Batman do Norte) Parte II, de sociedade com R. Wilson. Abril 1598. Não foi impressa — *The Play of a Woman* (O auto de uma mulher) Julho 1598. Não foi impressa — *The conquest of Brute*, with the first finding of the Bath (A victoria de Bruto, com a primeira descoberta do banho) em sociedade com J. Day e J. Singer. Julho 1598. Não foi impressa — *Hot anger soon cold* (Raiva em braza depressa esfria) de sociedade com H. Porter e Ben Jonson. Agosto de 1598. Não foi impressa — *Catiline's Conspiracy* (A conspiração de Catilina) associado com R. Wilson. Agosto 1598. Não foi impressa — *Tis no Deceit to deceive the deceiver* (Não é enganar enganar o enganador). Setembro 1598. Não foi impressa — *Aeneas' Revenge*; with the tragedy of Polyphemus (A vingança d'Aeneas, e a tragedia de Polyphemo). Fevereiro 1599. Inedita — *Agamemnon*, de sociedade com Dekker. Junho 1599. Inedita — *The Stepmother* tragedia (A madrasta) Agosto 1599. Inedita — *Patient Grissel* (Grissel o paciente) de sociedade com Dekker e W. Houghton. Dezembro 1599. Impressa em 1603 — *The Arcadian Virgin* (A virgem arcadiana) de sociedade com W. Houghton. Dezembro 1599. Não foi impressa — *Damon and Pythias*. (Dãmão e Pythias) Janeiro 1600. Não foi impressa — *The Seven Wise Masters* (Os sete mestres sabios) de sociedade com Dekker, Houghton e Day. Março 1600. Não foi impressa — *The Golden ass*, and *Cupid and Psyche* (O burro d'ouro, Cupido e Psyche) de sociedade com Dekker e Day. Não foi impressa. Abril 1600 — *The Wooing of Death* (A choradeira da morte) Abril 1600. Não foi impressa — *The Blind Beggar of Bethnal Green* (O pobre cego de Bethnal Green.) Escripção em Abril 1600. Impressa em 1639 — *All is not Gold that Glitters* (Nem tudo que luz é ouro) de sociedade com R. Rowley. Março 1601. Inedita — *Sebastian King of Portugal* (Sebastião rei de Portugal) de sociedade com Dekker. Inedita — *Cardinal Wolsey*. (O cardeal Wolsey) Agosto 1601. Inedita — *The Orphan's tragedy* (A tragedia do orphão) Setembro 1601. Inedita — *Too Good to be true* (Bom de mais para ser verdade) de sociedade com R. Hathwaye e Wentworth Smith. Novembro 1601. Inedita — *Love parts Friendship* (Amor separa a amizade) de sociedade com Wentworth Smith. Maio 1602. Inedita — *Tobias* (Tobias) Maio 1602. Inedita — *Jephtha*. Maio 1602. Inedita — *A Danish tragedy* (Uma tragedia dinamarqueza) Maio 1602. Inedita — *Femelanco*, de sociedade com Robinson. Setembro 1602. Inedita — *Lady Jane* em duas partes, de sociedade com Dekker, T. Heywood, Wentworth, Smith and Webster. Novembro 1602. Inedita — *The London Florentine*, em duas partes (O Florentino em Londres) de sociedade com T. Heywood. Dezembro

1602 — *The tragedy of Hoffman* (A tragedia de Hoffmann). Dezembro 1602. Impressa em 1631 — *Jane Shore*, associated with J. Day. Março 1603. Inedita.

Continua.

F. E. PAYANT.

#### Madame Pfeiffer.

A mulher debil e timida, com espirito menos elevado que o do homem, passa ávante d'este: marcha impetuosamente de um ao outro extremo do mundo; vence obstaculos; arroja-se aos perigos; e confiada na Providencia, sem protecção humana, visita povos barbaros, e estes, como electrificados por um poder superior, recebem-na com acatamento, tributam-lhe respeito, e mesmo affeição. Madame Pfeiffer, com o unico intuito de alargar a sciencia que possuia, visitou paizes, onde os mais intrepidos viajantes tem receido penetrar. Nos frigidol polos, e nas torridas zonas, ecoaram já os passos da nossa heroína.

Em 1842, Ida Pfeiffer fez a sua primeira viagem: atravessou a Turquia, a Palestina e o Egypto. Em 1845 visitou a Scandinavia e a Islandia. No 1.º de Maio de 1846, na idade de cincoenta e um annos, saiu de Vienna, sua terra natal, para principiar essa viagem que lhe immortalizou o nome — a viagem á roda do mundo. D'Austria até o Brazil acompanhou-a o conde de Berchthold; mas não permitindo o estado de saude d'este que proseguisse na viagem, Ida continuou só; e passando o Cabo de Horn foi ao Chili, d'ahi á ilha de Tahiti, cuja exploração lhe levou quinze dias, e depois á China, Calcutta e Bombaim. Descansando pouco tempo n'esta presidencia, saiu para Bassoira com tenção de ir a Bagdad. Na viagem occorrem-lhe varias aventuras, que a não ser a sua presença de espirito, teria de certo succumbido antes de lhe chegar ao termo. Atravessou os inacessiveis montes de Koordish, chegando a salvamento á estação dos missionarios em Oromiah. Seguindo para a Persia, Russia, Constantinopola e Athenas, chegou em Novembro de 1848 a Vienna.

Em 1851, com o pequeno auxilio de cem libras, concedidas pelo governo austriaco, tentou a mesma digressão que já fizera. Tendo-se demorado alguns dias em Lisboa, dobrou o Cabo da Boa Esperança, tencionando encaminhar-se pelo interior da Africa ao Lago de Nzami; as difficuldades da viagem, e o fim dos recursos pecuniaris, obstaram-lhe a pôr em execução este plano, e teve de contentar-se em visitar as ilhas de Sunda.

Em 1852 encontrámo-la em Sarawak, e penetrando até o coração de Borneo, viu as minas de ouro e diamantes de Sandak; foi depois a Java e Sumatra, e visitou as tribus antropophagas, coisa que ninguem até ali ousara. Depois de ali se demorar longo tempo, estudando os habitos e costumes dos selvagens, partiu para a California, visitando em seguida a costa occidental d'America. Desceu o Amazona, atravessou os Andes e percorreu toda a America do Norte, terminando a viagem em Londres em 1854. A sociedade geographica d'esta cidade elegeu um dos seus membros para lhe apresentar a medalha com que a mesma sociedade a condecorou como galardão, a que ella jámais elevava o pensamento, das fadigas e trabalhos porque havia passado.

Explorando em 1855 a ilha de Madagascar, foi accommettida por uma febre de que nunca mais melhorou completamente. Em Outubro de 1858 entregou a alma a Deus, entre suspiros e lagrimas dos amigos, findando uma vida que fôra util á patria e á sciencia.

As narrativas de madame Pfeiffer são interessantissimas. N'aquelles quadros onde pinta o deserto de Sahara; a passagem do Cabo das Tormentas; as catadupas do Niaghira; a procella no alto mar, em que os elementos parecem ameaçar a destruição do naua temerario; o ceo d'anil do bello Portugal; as ruínas da prostrada Athenas, vistas ao brilhante clarão de uma lua oriental; tudo está fielmente retratado com elegancia de estilo.

Curvamos a frente diante do genio que voluntariamente se expõe, pela gloria da patria, a perigos de tal natureza. E' digno de que a posteridade presete á sua memoria homenagem eterna.

Não podemos resistir ao desejo que temos de contar uma anecdota, acontecida na ilha de S. Miguel entre madame Pfeiffer e pessoas da nossa intimidade, e que prova a excentricidade da illustre viajante.

Havendo-se reunido diversas pessoas, entre as quaes se achava madame Pfeiffer, para visitarem as Furnas, e devendo ir a cavallo por ser longo o trajecto que tinham a fazer, offerceram á nossa heroína um jumento afim de acompanhar os visitantes. Em breve, porém, conheceram que era escusado tal offercimento, porque madame Pfeiffer, entrouxando uma pouca de roupa, e deitando ao hombro a trouxa, começou a caminhar a pé, não aceitando o meio de transporte que lhe offerciam; ainda que muito o agradecesse.

F. E. PAYANT.

**Lendas Nacionais.**

III

CELINDA.

A Lusitania entrou no dominio dos romanos de pois de uma longa e heroica resistencia.

Os lusitanos não tinham a pericia dos generaes romanos, nem a disciplina das suas legiões, nem o auxilio das suas machinas de guerra. Mas possuam no grau mais eminente o amor da independencia, e o valor e coragem dos que combatem pela terra, que lhes serviu de berço, pela liberdade, que lhes consagra e assegura seus foros, e pelos lares em que se concentram seus bens, suas afeições e felicidade. O esforço do animo e do braço suppria n'elles todas as nações de arte e sciencia, que faziam quasi sempre invenciveis os exercitos de Roma. E a tal ponto de encarnicamento chegou a guerra na Lusitania, que a orgulhosa dominadora do mundo já lhe custava a encontrar generaes, que viessem de bom grado affrontar as iras dos lusitanos.

Mas que resistencia podia haver, que acabasse triumphante contra essa soberba rainha do Tibre, que do alto do Capitolio via rendidas a seus pestodas as nações desde o Euphrates até ao Atlantico, e desde o Nilo até ás columnas de Hercules! A perseverança e o immenso poder dos romanos subjertaram enfim toda a Lusitania ao jugo de Roma.

Não gosaram os conquistadores por muitos annos da posse pacifica da sua conquista. Sertorio, capitão valente e arrojado, sendo desterrado de Roma por ter seguido o partido de Sylla na guerra civil, que então abrasava a capital da republica, vem refugiar-se na Lusitania, e ahi levanta o brado de independencia da terra hospitaleira, que o recebe e agasalha.

O indomito valor dos lusitanos, encontrando no seu novo chefe a sciencia da guerra, que lhes faltava, e o conhecimento da estrategia dos generaes romanos, e da politica e organização da republica, caminha de victoria em victoria, e faz-se tenivel aos seus poderosos inimigos.

A intelligencia e actividade de Sertorio não se gastam exclusivamente na guerra. Ao seu aceno levantam-se as muralhas d'Evora, com que fica bem guardada a cidade, que escolhera para capital. Adorna-a com monumentos, que fazem florecer as artes. Funda cidades e fortalezas, com que augmenta os meios de defesa do paiz. Estabelece ou arraiga por toda a Lusitania aquellas fortes instituições, aquella robusta organização, que constituíam toda a força da republica de Roma.

Durante estas porfiosas guerras veiu um exercito romano sitiar uma cidade, que Sertorio fundara havia pouco, pondo-lhe por nome *Certago*.

Apenas o inimigo assentou seus arrayaes, accommetteu a cidade com incrível furor. Era tão grande o odio dos romanos contra Sertorio; todos se julgavam tão obrigados a vingar no seu sangue as injurias por elle feitas á patria, e as affrontas por cada um recebidas no campo da batalha, que só a idéa de terem diante de si uma obra do seu irrecconciliavel inimigo, lhes excitava vivamente o desejo da vingança, e lhes dobrava o esforço.

Assim ao primeiro ataque seguiu-se segundo, ao segundo terceiro, e sempre com a mesma sanha, e vigor dos assaltantes.

Sertorio estava longe d'ali, e a sua Certago não tinha defensores bastantes para guarnecer as extensas muralhas, que a cercavam. Mas o valor suppria n'elles o numero.

Bem sabiam os sitiados, que não defendiam somente a honra das suas bandeiras, os interesses e gloria do seu chefe, e a independencia da sua patria; mas sim tambem a existencia da sua cidade, que os romanos não deixariam de nivelar com o solo, se a entrassem; as suas vidas, que seriam ainda poucas para saciar o rancor do inimigo; e mais que a cidade e as vidas a castidade de suas esposas e filhas, que seria infallivelmente sacrificada a bruzteza dos vencedores.

Armados pois os seus braços por tão poderosos interesses, e robustecido o seu animo por tão altas considerações, os lusitanos obraram prodigios de valentia e coragem na defesa dos muros de Certago. Mas os assaltos eram tão repetidos, e prolongavam-se com tal porfia e encarnicamento, que não lhes sobrava tempo para repouso de tantas fadigas, e nem sequer para tomar o necessario alimento.

O plano do inimigo era combater sem treagoas, pelear a toda a hora, de dia e de noite, revessando as suas numerosas phalanges, até extenuar de forças os lusitanos, e obrigar a praça a render-se antes que podesse chegar-lhe soccorro de fora.

Todavia o cansaço e o desalento principiavam a fazer fraquejar os sitiados e os sitiadores. Os primeiros, achando-se reduzidos a tamanho extremo de trabalho e de vigílias, e cada vez mais apertados do inimigo, iam perdendo toda a esperanza de soccorro, e de salvção. Os segundos, vendo tão rareadas as suas fileiras, inuteis todos os esforços e tentativas, e a resistencia sempre com a mesma obstinação, tambem começavam a descrever a victoria.

Tal era a disposição dos animos de ambas as partes contendoras quasi ao acabar do quarto assalto á cidade. A pelea tinha afluído em todos os lados, as hostes romanas já recolhiam as escadas e machinas de guerra, que tinham assestadas contra os muros, e dispunham-se para se retirar aos seus arrayaes. Apenas um troço de soldados romanos disputava ainda calorosamente junto de uma das portas a entrada da cidade.

Quiz o acaso, que n'esta lueta parcial, em que se mostravam mais empenhados o capricho e o odio que a esperanza de um resultado, caisse morto o principal guerreiro a quem fóra confiada a defesa d'aquella porta. Os soldados lusitanos, que o auxiliavam n'esta defesa, já quebrados d'animo e de corpo, esmorecem ao ver sem vida o valoroso chefe, que tantas vezes os conduzira á victoria. E os romanos, alentados por este successo, redobram de energia e vigor, e precipitam-se com tamanho impeto contra a porta, que esta cede ao seu impulso, e franqueia-lhes a entrada da praça.

A onda impellida pela tempestade não se arremessa contra a rocha com mais furia, do que arremetteu pela porta dentro a hoste romana. Porém no meio do escuro e estreito corredor, que conduzia para o interior da cidade por baixo de uma grande torre, hesitam, param, e depois recuam os que por mais osudados iam na dianteira.

Se um raio os viera assombrar, não ficariam por certo mais tomados de espanto e terror. E raio foi para elles a coragem varonil de uma mulher. Celinda, a esposa do infeliz guerreiro, cuja morte facilitara aos romanos a entrada da praça; Celinda, a consorte extremosa e dedicada. mal recebe a noticia do caso fatal, que vae cobrir de lucto os seus dias, sabedora tambem do arrojado do inimigo, corre, fora de si, não a prantear sua desdita, mas a vingar a morte do amado esposo.

Uma certã, cheia de azeite a ferver, em que casualmente estava cozinhando uns ovos, é a unica arma, que leva nas mãos. Mas a raiva e a desesperação ajudadas das circunstancias locais, convertem aquelle fraco utencilio em arma terrivel. A heroína encontra-se com o inimigo no meio do corredor por baixo da torre. Arremessa o azeite fervente ao rosto dos que veem diante, e em acto continuo investe-os com a certã.

O improviso do ataque; o estado miseravel em que ficaram os da vanguarda, completamente impossibilitados de se defenderem; a estreiteza do corredor, que impedia aos da retaguarda a passagem para a frente; a escuridão do lugar, que não dei-

xava distinguir a qualidade ou força da aggressão; e finalmente o denodo, acerto, e fortuna com que a illustre matrona soube manejar a certã; tudo isto embargou o passo aos romanos por tanto tempo, quanto bastou para chegar soccorro, com o qual foi o inimigo expulso, e novamente fechadas as portas da cidade.

D'ahi a poucos dias levantaram os romanos o cerco, e ficou a praça desaffrontada de inimigos pelo corajoso feito de uma mulher. Para eterna memoria de tão heroica acção tomou aquella cidade por brasão d'armas um escudo com uma certã, e em torno este mote: *Certago sternit certagine hostes*; com a certã destruiu Certago aos seus inimigos.

Esta nobre e antiquissima povoação é hoje a villa da Certã, cujo brasão ainda é o mesmo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

**A cidade de Vienna d'Austria.**

A capital do imperio austriaco, que deve a sua fundação a Henrique I, no anno de 1142, está situada na margem direita do Danubio, no meio de uma immensa planicie. O seu nome, em alemão, *Wien*, provém de um ribeiro assim chamado, que atravessa a cidade, e vae lançar-se no Danubio.

A historia de Vienna é longa, e cheia de interessantes capitulos, cuja resenha não cabe nos limites d'este artigo. Apenas mencionaremos, como um dos seus mais importantes episodios, o cerco que lhe poz o grã-visir Cara Mustapha, á frente de um exercito de trezentos mil turcos, no anno de 1683. Por esta occasião não só a cidade, mas até o imperio d'Alemanha correram eminente perigo de se perderem, e de certo se perderiam, se não viera em soccorro de ambos o illustre João Sobieski, rei da Polonia, com trinta mil homens, que, obrando prodigios de valor, destroçaram os turcos completamente.

A cidade propriamente dita é pequena. As ruas cruzam-se irregularmente, e nem são alinhadas, nem bem niveladas. Só uma, chamada *Herrentrasse*, se pode dizer bella. As praças publicas, estreitas e tambem irregulares, são ornadas de monumentos pela maior parte de mau gosto. É digna porém de honrosa excepção a estatua equestre em bronze do imperador José II, de proporções colossaes, que se ergue no centro da praça, a que dá o nome.

O unico passeio, que ha no recinto da cidade, é o *Graben*. Todavia não é mais do que uma mui larga rua, guarnecida de bons edificios particulares. É lugar de bastante reunião; e ahi se acham os principaes estabelecimentos de modas, de porcelanas, etc.

O estreito ambito de Vienna fica amplamente compensado pela grandeza e formosura dos seus arrabaldes, que são vastissimos bairros exteriores, contendo ruas espaçosas e direitas, bons palacios, lindos jardins, e dois passeios publicos.

Estas modernas edificações são separadas da velha cidade por um cinto de alamedas frondosas, em que se vêem magnificos botequins, e pelos fossos e trincheiras da antiga praça d'armas. Por doze portas se comunica a cidade com os arrabaldes.

Os principaes monumentos de Vienna são: a *cathedral*, dedicada a Santo Estevão, grande e rico templo construido no seculo XIV, e cuja torre, de forma pyramidal, tem de altura quatrocentos e trinta pés; a igreja de *S. Carlos Borromeo*, de construcção moderna; a de *S. Pedro*, imitação da basilica do mesmo nome em Roma; a dos *Capuchos*, jazigo da familia imperial; e a de *S. Ruperto*; o *palacio do imperador*; a *casa da moeda*; os palacios da *chancellaria da corte*, da *chancellaria d'Austria*, da de *Bohemia*, da de *Hungria e Transilvania*; a *universidade*; a *casa da camara*; o *observatorio*; o *banco*; o *arsenal imperial*, e o da cidade; a *alfandega*; os *palacios do arcebispo*, dos *estados d'Austria*; e outros de diversos principes e fidalgos.

Os estabelecimentos scientificos e de beneficencia são numerosos. Ha em Vienna, tanto do estado, como particulares, muitas e ricas bibliothecas, gallerias de pintura, museus, e medalheiros. A proximidade do Danubio dá muitas vantagens a Vienna; mas em troca expõe os suburbios a grandes



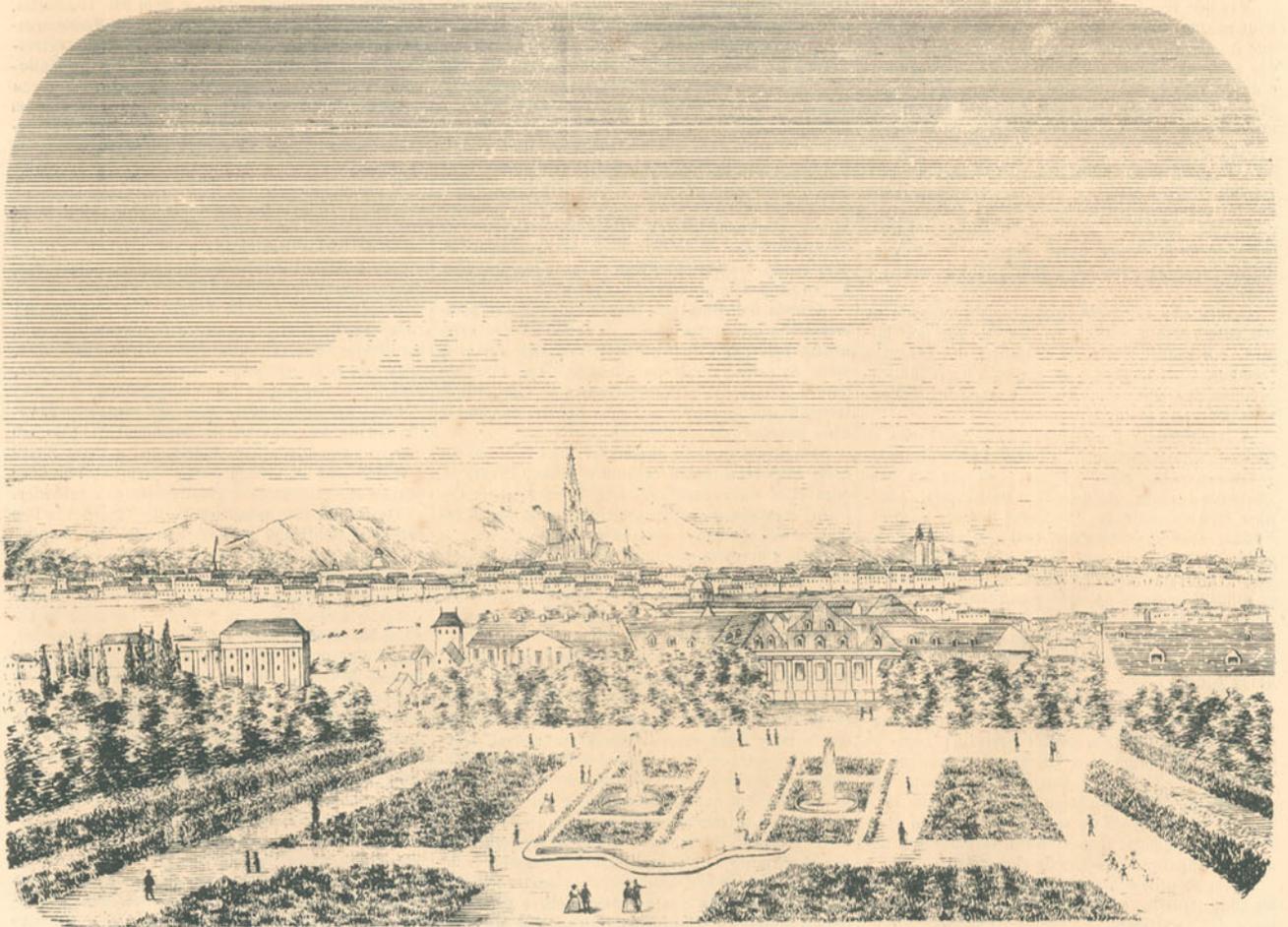
S. Carlos Borromeu.



Madame Pfeiffer



Isola Bella.



Vienna d'Austria.



Uma vista de Florença e do rio Arno.

inundações, que em alguns invernos mais rigorosos tem subido a bastante altura.

E' esta cidade uma das mais industriosas da Alemanha. Avaliam-se os seus operários em mais de sessenta mil. A população da cidade e arrabaldes está proxima, se é que não ascende já, a quatrocentos mil habitantes. Tem tido um desenvolvimento extraordinario. Para se fazer idéa d'elle, bastará dizer, que nos doze annos decorridos desde 1828 até 1840, edificaram-se nos arrabaldes sessenta e tantas mil casas.

Os homens illustres nas letras, nas artes, e nas armas, que tiveram Vienna por berço, formam um extenso catalogo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

XI

Continuação.

Eduardo voltou a casa de D. Luiza de Castro. Esta tinha outros criados que o não conheceram e recusaram annunciá-lo. Uma criada sorriu-se estupidamente.

— Será pois impossivel ser recebido? Perguntou Eduardo.

— Parece-nos que sim. A senhora está ha tempos muito incommodada.

— Doente!? Exclamou Eduardo. N'esse caso preciso vê-la...

— Oh! tem cá vindo os melhores medicos, d'estes modernos, e tanto, que o senhor harão de Villa-Rica protesta, s. ex.<sup>3</sup> é deputado, que não pode lá estar nem um quarto de hora!

— Quem é o barão de Villa-Rica? Perguntou Eduardo despeitado.

Neste momento passou por ao pé d'elle um homem de trinta annos, baixo, vestido com elegancia mas inteiramente destituído de expressão. Era uma especie de cartaz vivo do gosto e das fazendas do Keill.

A criada calou-se e deixou-o passar.

Eduardo comprehendeu tudo, pelo silencio repentino da criada. Lançou-se impetuosamente seguindo o barão; mas este, ao entrar na segunda sala, atirou a porta que se fechou com estrondo.

— Um insulto! murmurou aquelle, pondo na porta a mão tremula e ardente.

A criada tinha desaparecido.

Eduardo entrou na segunda sala; o barão dispunha-se a transpor outra porta.

— Espero que não me faça segundo insulto! Disse Eduardo. Basta o primeiro para me dar o direito de o classificar de modo pouco favoravel.

O barão não respondeu. Passou e deixou cair o reposteiro.

E uma voz debil, cheia de enfado, veu immediatamente ferir o ouvido de Eduardo.

— Vens só, barão? E a irmã de caridade que eu te pedi?

— Pois quem é rico precisa porventura da caridade d'essas irmãs? Disse o barão. Além d'isso, a tua doença não é tão perigosa que requiera os cuidados de tanta gente! Tens uma criada boa enfermeira e tua amiga: criados promptos a voarem a um aceno teu: e eu venho ver-te a miudo.

— Para me dizer sempre a mesma coisa!

— Tudo perde a novidade: até nós.

— Não sabes, Jeronymo Coutinho; não posso conformar-me com a idéa de não fazer a minha vontade! A doença rouba-me as forças; mas o meu pensar tem ainda o mesmo vigor! E quando penso que apesar de dizer— quero! todos se riem de mim... odeio todos!

— Tonteiras tuas. A doença torna-te a imaginação fraca; mas se queres, retiro-me.

— Obrigada, Jeronymo: agora que me vês tão doente, e sabes que ninguem viria ajoelhar aos pés de uma mulher como eu, levantas-te para esbofetear-me.

— Que expressão!... E que cheiro de camphora!...

— Pois não será soffrer uma bofetada, ouvir dizer que disse uma asneira?

— Se principias com questões vou-me embora! Desde que estás doente não fazes senão questionar comigo, como se eu fosse medico, ou tivesse culpa da tua doença! De ingratidões, Luiza, está o mundo cheio.

— Dizes bem.

— De certo! Outro qualquer homem ter-se-hia desgostado de ti...

— Se pensasse como tu, aposto que não.

— Então como penso eu?

— Sem excepção alguma. Dispensa-me de te dizer mais! estou hoje tão fraca...

— Vamos; quero explicar-te a razão porque te não mandei a irmã de caridade. Se fosse uma d'essas piedosas mulheres que temos, não punha duvida; mas... uma das modernas!... uma d'essas francezas ou alemãs que por ahí appareceram á maneira d'um enxame de gafanhotos... d'essas, não, minha Luiza. Estas mulheres, — louvados sejam os jornalistas! — sobre o terem um comportamento em contradicção constante com o santo mister que exercem, fazem parte da policia jesuitica, que debaixo d'aquella mansa apparencia pretende introduzir-se no seio das familias para se apoderar dos seus mais intimos segredos! Ha segredosinho que em *mas dos jesuitas* vale milhões! Uma mulher d'aquellas indaga logo quanto ha e não ha: remexe debaixo para cima o coração do doente, e falo vomitar no fim uma doação á favor da ordem!

— Ora, quem pensaria em tal! murmurou D. Luiza. Já te disse, que, não tendo herdeiros, pretendo dispor dos meus bens a teu favor. Fazes-me tambem um favor aceitando essa disposição.

— Se morreres... mas...

— Querias perguntar-me porque não fazia eu já o testamento?

— Não pensemos n'isso, Luiza.

— Está feito.

— Deverás?...

— Sessenta contos de capital em inscrições... pelo menos, são teus.

— Ainda não me tinhas dito nada!

— Não valia a pena de n'ó agradeceres. Bastava que depois da minha morte o soubesses!

— Oh! querida Luiza, perdoa, perdoa a minha ingratidão!... mas tu desmaiias?... Diz-me; tens tomado o remedio que te eu trouxe?

A estas palavras, Eduardo, mal sustendo o pranto que lhe rebentara, apertou com a mão esquerda o coração, e com a outra abriu a porta.

O barão, que enchia de remedio um copo, por pouco o não largou sobresaltado: Luiza estava quasi desmaiada sobre as almofadas da ottomana.

— Que pretende?! Perguntou o barão a Eduardo.

— Examinar o remedio que dão a esta mulher.

Respondeu elle, diligenciando parecer muito senhor de si.

— Porque? quem o chamou?

— A amizade.

O barão fez um movimento para despejar o copo; mas Eduardo, rapido como o relampago, susteve-lhe o braço.

— Perdão; creio que não deve ter motivo para esconder esse remedio eficaz que trouxe para alivio de uma mulher que o nomeia seu herdeiro, barão!

— O senhor é um infame que escuta ás portas, e eu vou mandar que o ponham na rua.

— Aqui só eu mando por em quanto! Bradou Luiza.

Eduardo estremeceu.

— Senhor Eduardo, continuou ella, penhora-me na verdade a sua visita; quizera recebê-lo melhor... mas a minha fraqueza...

— Oh! Luiza! comprehendo! antes porém de retirar-me... permite-me que lance em rosto a este homem...

— Senhor Eduardo, as minhas salas fecharam-se para o mundo! Uma mulher, por mais irregular que tenha sido o seu comportamento, ferida pela doença e já no caminho da eternidade, deve merecer alguma consideração áqueles que mais concorram para torná-la infeliz!

— Insensato!... balbuciu Eduardo. Pois bem,

Luiza, eu me retiro já. Assim o queres, assim seja!...

E pegando na garrafa do remedio, que estava sobre a jardineira, arremessou-a contra a parede, saindo precipitadamente.

O barão soltou uma gargalhada.

Luiza fechou os olhos e recostou-se no sofá. Jeronymo Coutinho sentou-se-lhe aos pés, e principiou a ler um jornal que tirou d'algebeira, como se tivesse medo de olhar para Luiza, e de pensar nas proprias acções.

Continua. ALFREDO HOGAN.

### Uma vista da cidade de Florença e do Arno.

Se Florença, a bella capital da Toscana, sobreleva a maior parte das cidades da Italia pelos monumentos e primores d'arte, que encerra, tambem vence a muitas das suas irmãs nos encantos da situação, e na amenidade do clima.

O Arno, que a banha e divide; as fertes campinas, que a circundam; as lindas casas de campo, que coram quasi todos os oiteiros das visinhanças; os resplendores do sol, e a suavidade das brisas, não desdizem d'essas tantas e tão variadas obras primas com que artistas immortaes ornaram, e enriqueceram a cidade.

Nenhum dos principaes edificios de Florença se espelha nas aguas do rio; todavia não deixam as margens do Arno de apresentar n'alguns sitios mui vistosas perspectivas.

A que faz o objecto da estampa, que n'este numero publicamos, mostra um pittoresco grupo de construcções de aspecto vario, situado entre a *ponte de Carroja*, da qual se vêem na mesma estampa dois arcos, e a *ponte da Trindade*, que fica um pouco mais distante, e que é a melhor das quatro, que põem em communicação as duas partes da cidade.

As margens do Arno offercem deliciosos passeios. Em alguns pontos são guarnecidas de caes espaçosos e elegantes; e n'outros povoadas de arvoredo. Um bosque tratado cuidadosamente, que se levanta junto do rio, á entrada da cidade, e, depois dos jardins *Boboli*, o passeio mais predilecto dos habitantes de Florença.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### Os thermes, em Roma.

Entre as ruínas da antiga capital do mundo, as dos *thermes* excitam especialmente a curiosidade do medico, nas investigações archeologicas que a cada momento tem de fazer.

Resumir, portanto, todos os fragmentos que pudemos colher d'estes notaveis estabelecimentos, tanto em relação á sua disposição, como ao partido hygienico e medical que d'elles se obtinha, e o objecto d'este artigo.

Apesar do uso dos banhos quentes estar em voga entre os diversos povos que tiveram preponderancia e poder na civilisação dos tempos mais remotos, os assyrios, egypcios, medas, persas, gregos, Roma contentou-se por muito tempo com os banhos do Tibre, cujas aguas estavam longe de offerecerem o atractivo da limpidez, pois constantemente se turbavam pelas argilas que traziam á superficie.

Ao cair da tarde, descia-se dos montes Palatino, Aventino, Esquilino, Collins, Viminal, e Quirinal, para o campo de Marte percorrendo ao longo da margem esquerda, e ahí se entregavam os habitantes á gymnastica a mais variada possivel, propria para desinvolver força e destreza, dois elementos indispensaveis, especialmente aos guerreiros de uma epoca, cuja acção individual representava nos combates tamanho papel.

O tiro do arco, e da funda, o manejo do pique, a esgrima, a marcha, o salto, a carreira, a equitação, os jogos de bola, e do disco, tudo isto se usava em todas as estações. No estio porém, mais especialmente, os quiritos, ungiendo-se de oleo como os atletas, semi-nus, e só com um pequeno calção vestido, entregavam-se á lucta, á espheromachia, ou ao verdadeiro pugilato. Acabados estes exercicios, faziam abluções ou imersões no Tibre.

Estes banhos contudo, que tinham seus inconvenientes e perigos, nem sempre foram do gosto de to-

dos, e veio tempo em que bom numero de justadores suados, depois de fricções a secco e unção do *anatinum*, linimento muito em voga, se embuçavam n'uma *andromede* de lã, e voltavam para suas casas a tomarem um banho tepido antes de cearem. Este uso, cujas vantagens sobre os banhos do Tibre prestes foram reconhecidas, rapidamente se propagou. Depois dos banhos particulares, multiplicaram-se os publicos; não estando porém elles ao alcance de todos, nem sendo sufficientes, a necessidade de lhes dar proporções mais consideraveis, e mais facil accessõ a toda a gente, transformou-se em necessidade geral, a que foi preciso prover. Assim Agrippa tornou popular o seu nome por via dos *Thermes* que mandou construir no meio do campo de Marte. Foi o primeiro estabelecimento (*thermos*) recebido dos gregos pelo nome, forma, magnificencia, e disposição.

Se os *thermes* de Agrippa tiveram a vantagem de satisfazer a uma necessidade publica, chegou outra epoca em que caíram n'um defeito capital: a insufficiencia pelo numero sempre crescente de banhistas. Por isso no tempo de Nero foi preciso construir-lhes mais vastos mesmo no campo de Marte, encravados entre o Pantheon, o Circo agonalis, e o Equisio, circo alongado cujo ficticio traçado se estende hoje do extremo circular da praça Navona ao Monte Citorio. D'estes quasi nada resta hoje.

Tito fez construir novos no monte Esquilino (terceira região) nos jardins de Mecenas e na *Domus aurea* de Nero. Estes *thermes*, augmentados successivamente por Domiciano, Trajano, e Adriano, estenderam-se do Coliseo para o meio do Forum. Só restam vestígios attestando o seu passado esplendor, e nas partes subterraneas existem salas ornadas de pinturas em perfeito estado de conservação. Commodo e Septimo Severo tiveram tambem seus *thermes*. Depois d'elles Antonino Caracalla fez levantar outros, cujas imponentes ruínas ainda hoje se vêem á direita da via Appia, entre o Circus maximus e a porta Capena. Estes *thermes* de Caracalla, onde mil e seiscentos banhistas simultaneamente tinham lugar, com pavimentos de mosaico, de que restam fragmentos representando exercicios gymnasticos, continham grande numero de estatuas, entre as quaes se encontraram algumas mui bellas. As tres partes principaes d'estes *thermes*, formando um vasto quadrado, com seu recinto, eram: o *laconicum*, rotunda no genero do Pantheon; a *cella solearis*, grande sala de banho com duzentos pés de comprimento; e a *cella frigidaria* ou bacia de natação.

Crescendo o attractivo que os *thermes* offerciam, e sendo o grito *thermas outro panem et circenses*, Alexandre Severo, e Decio dotaram a primeira e segunda região de Roma com *thermes* novos; e Diocleciano tambem fez construir outros na sexta região, sobre o Viminal, excedendo os precedentes em extensão, porque formava um quadrado de meia legua de ambito, e podia conter tres mil e duzentas pessoas banhando-se ao mesmo tempo. O que levava a dar tão vastas proporções a estes estabelecimentos fôra, além dos banhos, e suas dependencias, formando o centro, annexar-se-lhe porticos, basilicas, pinacothecas (galerias de quadros e estatuas) onde os artistas faziam permanente exposição das suas obras; bibliothecas; alamedas de frondosas arvores, jardins, exedros, hemicyclos onde os philosophos, oradores, e poetas se entregavam aos exercicios litterarios, e palestras; finalmente theatros e estadios para se assistir aos jogos athleticos, e corridas a pé, e a cavallo.

Continua.

Uma revolução na India portugueza.

II

Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripta pelo general Marinho, em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1853.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Continuação.

Com esta resposta o estupido juiz que trazia ou-

tra cara na algebeira, tomou-a mais polida, emais meiga, e disse-me: *Isso não se pode escrever.*

Respondi-lhe: *Faça o que lhe parecer*; levantei-me, pedi lume ao sargento do forte, que ali estava ás ordens, accendi um cigarro, e disse ao sargento: *va dizer ao senhor governador que põna a guarnição em armas para fazer a continencia, que se deve fazer a estes senhores.*

Os veteranos que estavam á espreita fizeram um borburinho galhofeiro ao pegar em armas; este borburinho ouviu-se bem na sala, onde estávamos, e pareceu-me que nem o juiz, nem o escrivão gostaram muito.

Não sei o que fizeram porque eu estava demasiadamente estimulado, nem me era possível observá-los, porém estou certo que se demoraram pouco, que enrolaram os papeis e que se despediram.

D'ahi a poucos dias entrou a corveta Luconia em nau de viagem, vindo do Rio de Janeiro com D. Manuel da Camara, nomeado capitão general dos estados de Goa.

A tal junta provisoria ficou um pouco apatetada, assim como os seus aldrubios, porém persuadindo-se sempre, que ficaria no poleiro, dando entre si um lugar de impostura a D. Manuel da Camara.

Não lhe fizeram aquellas continencias, nem lhe deram aquellas considerações que a lei, usos, e costumes mui antigos, a civilidade, e a politica exigiam.

Em uma das noites immediatas appareceu no forte ás tres horas da manhã um major com um escaler bem guarnecido, e diz-me: *Venha tomar o commando da tropa*; embarquei immediatamente e cheguei a Pangim ás quatro horas da manhã.

Reuni immediatamente todas as tropas; formei-as em frente do palacio do governo, dei logo sem perda de tempo todas as providencias necessarias para que nenhum membro da junta moribunda fosse de qualquer maneira maguado, e preveni aquelles contra quem havia mais indisposições, que tivessem prudencia, porque se ia reunir uma assemblea provincial verdadeiramente livre para se fazer a eleição da nova junta, que constitucionalmente se devia estabelecer.

Reuni-se a assemblea provincial, aonde entraram todos os notaveis da provincia com excepção de mui poucos, que por circunstançias não puderam comparecer.

Ao principio os aldrubios da junta introduzindo-se na assemblea quizeram embaraçar a eleição, porém destruindo-se-lhes esse plano, porque foram tratados com absoluta indifferença, entraram a pedir votos para os seus deuses, como os donatos capuchos pediam esmola nas aldeas para o seu convento: os esforços dos aldrubios não produziram nem um voto, nem o d'elles mesmos.

Procedeu-se á eleição: foi eleito presidente da nova junta D. Manuel da Camara, capitão general; eleito primeiro vogal o arcebispo de Cranganor; segundo vogal o brigadeiro Mello; terceiro vogal Leal, desembargador da relação de Goa; quarto vogal doutor Lima Leitão, physico-mór.

Feita a eleição constituiu-se immediatamente o governo que logo foi reconhecido.

Esta junta não era como a primitiva; era um governador com um conselho de governo permanente; este conselho era para obstar a que enganassem o governador, para impedir que elle succumbisse a intrigas, para que elle não cedesse a ambições illegaes, e intempativas, e para o esclarecer sobre todos os negocios da provincia.

Não se lhe poz o nome de conselho de governo para que os aldrubios não se valessem d'esta mudança de termo para desacreditarem o movimento, e dizerem que era retrogrado.

Parece que um governo constituído d'esta maneira seria o mais conveniente para as nossas possessões ultramarinas, determinando primeiro para cada um dos membros, sem excepção de algum, habilitações mui rigorosas, funcções, responsabilidades, direitos, um ordenado conveniente, e o tempo da commissão.

Continua.

A mimosa poesia intitulada *Vens pallida*, que inserimos n'este numero, deve-se a uma penna ain-

da não conhecida! O senhor Garcia Junior, na precaria posição em que se acha, não perde occasião d'estudar: prova-o essa produção. E' uma estreia que lhe faz honra. N'este paiz o talento precisa mais de coragem do que a mediocridade. E' preciso, pois, não desanimar: a diligencia é mãe da boa ventura.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA XIV.

OS MESMOS, D. GIRAL, D. MENDO, ALVA, e depois BERTHA.

D. GIRAL — Casados.

D. MENDO (com Alva pela mão) — Folgae-vos, senhor... está consumado o sacrificio.

D. BRITALDO — Bem, D. Mendo. Assim o quizeses... Os meus pagens que vos conduzam ás portas do alcaçar... Levae vossa mulher para casa. (todo o prestito para fora da porta: a Castinaldo, vivamente) E agora, Castinaldo, cumpre que Sisanando morra, porque Sisanando tratava amores com tua irmã!...

ALVA (supplicante) — Meu pae!...

D. BRITALDO (a Alva) — Sai estas portas... para nunca mais entrar!

(Alva junta as mãos e cae com um grito do lado de fora da porta; ao mesmo tempo assoma Bertha dos aposentos, flama os olhos e bradava ao mesmo passo).

ALVA e BERTHA — Ah!

(D. Britaldo fecha a porta precipitado, e suspende Bertha, que se quer arrojara para Alva).

BERTHA (detida por D. Britaldo) — Que foi isto, senhor, que foi isto?

D. BRITALDO (doloroso) — Uma lição, e um exemplo, Bertha! (gesto de dor de D. Britaldo, de afflicção de Bertha: Castinaldo está á porta, onde caiu Alva, espectador unico, severo e inflexivel, encostado ao seu montante).

Fim do 2.º acto.

ACTO III.

Sala de honra no alcaçar da torre de Aguiar. O fundo separa-se em dois planos obliquos. Para a direita arcada immensa; para a esquerda um bastião ameaçado, para o qual levam desde a entrada da scena alguns degraus de pedra amarelenta e humida. É noite. Luar no plano descoberto. Nas salas e arcadas todo o esplendor de uma festa. Enormes castiças de ferro lavrado com brandões de cera allumiam a scena. Danças, córos, etc.

SCENA I.

D. MENDO, ARCHIBALDO.

D. MENDO (para os convidados, e danças) — Assim mesmo vos quero... Que folguez desço... Do mundo que se leva senão folgar? (encontra-se com Archibaldo; na arcada giram os convidados; tomando-o de parte) A festa vae já adiantada, e nem uns nem outros chegam ainda. Levaste o meu recado ás duas familias?

ARCHIBALDO — Senhor, que levei. D. Britaldo affirmou que viria elle e os seus, embora cá estivessem os de Riba-Dão.

D. MENDO — Feros, e roncarias vãs!... E Sisanando?

ARCHIBALDO — Não perguntou nada, e prometeu não faltar.

D. MENDO — Foi mais nobre e cavalheiro. (pausa) E hão de vir todos, á fé que hão de vir.

ARCHIBALDO — Fizestes um milagre, senhor... Reunir na vossa torre e na vossa festa casas tão contrarias!

D. MENDO — Não é milagre, nem o fiz eu, Archi-

baldo... São os seus próprios odios, que os hão de juntar, e que eu heide conter!... Era preciso que viessem. Os de Riba-Dão já descera de novo aos plainos. O Oblato da Palestina era Sinsando seu chefe... Com a sua volta cobraram maiores brios... Uma geração nova baixou das serras. Sei tudo o que intentam... mas tenho fé... São as duas mais poderosas famílias de Coimbra... Era preciso reunil-as, que o moiro está ahí a bater ás portas da cidade... e aí! d'ella, aí! d'ella, se os melhores dos seus cavalleiros se não unem para defendel-a... Tenho esperança de os persuadir... Heide desenganar esses homens orgulhosos que me olhavam com desdem chamando-me leviano... Como se os pensamentos graves não podessem surgir em todas as almas na hora do perigo... como se este fogo santo do amor da patria, se não podesse conservar puro e vivo apesar de todos os affectos perdidos... e até de todas as esperanças quebradas!... mortas para sempre como as eu tenho!

ARCHIBALDO — Ah! senhor, que successo aquelle!

D. MENDO — Que horrendo castigo, dize... Mas devia acceptal-o... Compromettera a honra, e a fama, e o nome d'aquella familia... Como havia de lavar a nodosa?

ARCHIBALDO — Que desgraça, que desgraça foi! D. MENDO — Vél-a? (indicando Alva que entra) Cala-te, que a d'ella ainda é maior... Vés como vem?... Está há dias assim... pallida, immovel, insensível a tudo... parece viver já no ceo... E fui eu que fiz aquillo!... Deixa-me. (Archibaldo sae).

#### A ex.<sup>ma</sup> senhora viscondessa d'Algés.

PELA INFAUSTA MORTE DE SEU ADORADO PRIMOGENITO O EX.<sup>mo</sup> SR. MANUEL THOMAZ DE SOUSA AZEVEDO.

Exitus aquarum deduxerunt oculi mei.  
PSALMO CXVIII.

I

Oh tu, mãe desolada, ouve o meu canto,  
E desculpa se á dôr vou dar-te augmento,  
Manancias abrindo a novo pranto.

Conter não pode o peito este lamento,  
Que lagrimas choradas são tributo  
Do que deve á natura o sentimento.

Do ser creado é tal este attributo,  
Que a VIRGEM MÃE, por ser tambem nascida,  
No trespasso do christo, em pranto e lucto,  
De dôres mil se viu assim transida!

II

E junto á Cruz do FILHO eil-a abraçada  
Essa que extreme foi nas mães extremes!  
Eil-a, em prantos de amor toda afogada,  
Maior pranto verter  
Do que podem chorar os desditosos,  
Privados dos affectos amorosos  
Que foram seu viver!...

Eil-a, da propria dôr mais dôr tirando,  
Separar-se não quer do morto filho,  
Cujo corpo nos braços reclinando,  
Se apraz em contemplar  
Suas mudas feições, divino rosto,  
Que lhe deram na vida tanto gosto,  
Tantas horas de amar!...

Parece ouvir-lhe ainda a branda falla  
Que n'alma lhe creou tantos affectos —  
E se a bocca cerrada já se cala  
Sem palavra soltar,  
Inda a Mãe carinhosa e desvelada,  
Nos milagres do ceo tão confiada,  
Não cessa de escutar!

A realidade hi tem entre seus braços,  
E não se atreve ainda a crer na morte,  
Que assim lhe despedaça os ternos laços  
D'aquelle fluio amor!...  
Chagado o vé, e transudado em sangue  
Sem alentos, sem vida, já exangue...  
Inda não crê na dôr!

Aos suspiros que exhala, tão sentidos,  
Outros não podem responder no mundo,  
Que tão intensa dôr, e taes gemidos,  
Não tem consolação  
Vendo que, alfim, está chegada a hora  
De separar-se do que mais adora  
Materno coração!

— «Vede, oh mães desgraçadas!» brada a triste,

— «Se desventura pode haver na terra  
«Egual á dôr, que n'este trance assiste

«Ao triste peito meu!...  
«Perdi luz dos meus olhos — filho amado, —  
«E para eterno o ver junto a meu lado  
«Só esp'ranças no ceo!...

«Era deus meu, tambem era meu filho!  
— «Duplos laços de mãe e creatura!...  
«Aos homens ensinou eterno trilho  
«De santa redempção!  
«Acarinhava a todos que passavam,  
«Dando consolo aos tristes que choravam  
«Lá no seio d'Abrahão!

«Apontando do ETERNO as leis sagradas,  
«Uma vida immortal aos homens dava!  
«Volvia a deus, assim regeneradas,  
«N'um ditoso porvir,  
«Almas penadas pelo vil peccado,  
«D'esse primeiro par por deus creado  
«N'um bondoso sorrir!

«Era formoso d'entre os mais formosos!  
«Era a alegria, era a luz do mundo!  
«Era bondoso d'entre os mais bondosos!  
«Era o filho de deus!...  
«Agora é morto... e onde pois buscal-o?  
«Que p'ra o sepulchro me virão tiral-o  
«Dos tristes braços meus!

«Vinde vós, que sois mães, chorar comigo  
«Estas lagrimas de sangue tão sagradas,  
«Que a maternidade traz consigo,  
«Na dolorosa cruz,  
«De ver perdido o filho — esp'rança amada...  
«Bem valera p'ra mãe não ser gerada,  
«Nem ver do mundo a luz!

«Oh morte! dá-me o FILHO que levaste!...  
«Deus meu! compadecei dos meus lamentos!...  
«Sepulchro! dá-me o corpo que encerraste  
«D'esse que tanto ame!...  
«Ah! que ninguem no mundo soffreu tanto!...  
«Meus olhos já não tem, p'ra dar, mais pranto...  
«Quanto pude já dei!...

III

Desafogava assim materno peito  
A VIRGEM, que, nas glorias ineffaveis  
Todas as mães sobrepujou no mundo!...  
Que muito, quem não foi divinamente  
Predestinada a ser a Mãe do verbo,  
Em trance igual á dôr tambem succumba!

Assim, mãe desvelada, a dôr venero  
Que tão profundamente punge e fere,  
Esse teu coração de amor saudoso!...  
Era teu filho!... amante o ser lhe deras!...  
Teu sangue o procreara... e junto ao peito,  
D'afagos mil a vida lhe infiltraras!...  
Ufana pois de o ver crescido em graças,  
Medrado no saber, tão justo e recto,  
(Qu'os mais rectos na terra elle excedia)  
E justo o sentimento de perdê-lo...  
Não quero desviar-te o pranto amargo  
Que tão sentida sobre a campa verdes...  
Desafoga a saudade que te opprime  
O casto seio, em que logar lhe deste,  
Onde a sua lembrança tens gravada...  
Adora a cruz que lhe defende a campa,  
E mostra ao mundo o christão piedoso  
Que ahí descansa seu eterno somno...  
Tem fé no christo que elevou sua alma;  
E na crença christã bem confiada,  
N'eternidade crê d'uma outra vida  
Onde jámais d'amor se partem laços,

Onde o seio da mãe encontra o filho...  
Esta separação na terra é breve:  
E no entanto que deus aqui te envia,  
Na piedade do filho, a doce esp'rança,  
Deixa correr, saudosa, o pranto amargo,  
Que tão sentida sobre a campa verdes.

15 d'Abril de 1859,

Sexta feira de Nossa Senhora das Dores

FRANCISCO DUARTE D'ALMEIDA E ARAUJO.

#### Vens pallida!

Como pallida vens, meiga donzella,  
Como d'olhos pisados vens mostrar-me,  
Que sentes mil torturas dentro d'alma!  
Choras! e porque, porque pranteas?  
Acaso vem de um sonho o mal que sentes,  
Ou é dura verdade que experimentas?  
Inda hontem no rosto feiticeiro  
O sorriso dos anjos tu mostravas;  
E hoje como vens magoada e triste!  
Ai como breves são do gozo os dias,  
Ai quanto longos são os de amargura!

A dôr não respeitou a tua idade,  
A magoa penetrou n'essa tu'alma,  
O riso se tornou em pranto amargo!!

O que sentes donzella? vem contar-m'o,  
Comigo repartir tua tristeza,  
E consolo acharás desabafando.  
Se as penas divididas se minoram,  
Eu quero, partilhando de teus males,  
Fazer diminuir teus soffrimentos.  
Mas tu guardas silencio, não respondes,  
Tens vergonha talvez de vir contar-me  
A causa porque choras?! não, não tenhas!  
Seja a causa qual fór não te crimino,  
Quero só mitigal-a se é possível.  
Continuas chorando!... lá te vejo  
Duas lagrimas puras, cristalinas,  
Rolando pelas faces descoradas!  
Es qual a meiga flor na primavera,  
Recebendo o orvalho matutino!  
E se não fosse a dôr que o pranto indica,  
Eu quizera-te ver sempre chorando!  
Como é formosa assim entre soluços,  
Entre suspiros mil, banhada em pranto!  
Lá prendeste nos labios um suspiro,  
Que do peito saiu!... assim procuras  
Dominar um sentir, que te domina!!

Inda mais uma vez: porque é que choras?  
Não respondes, occultas, é segredo:  
E como traduzir lagrimas tantas?  
Como encontrar se pode a causa d'ellas,  
Se traz pranto o prazer, se a dôr traz pranto?

Lisboa, 5 d'Abril de 1859.

ANTONIO MARIA GARCIA JUNIOR.

A administração d'este jornal declara que o artigo inserto no n.º 10 do volume actual, acerca das cartas recebidas de alguns professores dos diversos districtos do reino, não se referia, nem podia referir-se aos senhores Joaquim José de Moraes e Francisco Joaquim Guedes, professores em Figueira da Foz e Bueiros.

Estes senhores viram a arguição onde só havia o pesar de não ter sido entendida uma circular impressa e redigida em phrase clara e intelligivel; mas esse mesmo sentimento não podia ter logar em relação aos dois cavalheiros a que alludimos, porque em tempo competente, respondendo á circular, deram provas de terem perfeitamente entendido e comprehendido o objecto de que se tratava.

Esta declaração, que folgamos de fazer para desviar qualquer suspeita de sobre quem não a merece, é franca e espontanea.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.